

**TEORIA DAS JANELAS QUEBRADAS:** sua aplicação nas unidades de polícia pacificadoras

Aparecida do Carmo Prezotti de Oliveira<sup>1</sup>

**RESUMO**

Este artigo quer demonstrar que apesar das negativas, as unidades de Polícia Pacificadora instaladas nas comunidades do Rio de Janeiro, possuem as mesmas características do Policiamento comunitário, da tolerância e do Policiamento das Janelas Quebradas. Para isto, faz-se necessário apresentar, de forma resumida, conceitos e à aplicação destas teorias, bem como o êxito alcançado. Apresentar um breve histórico das “favelas” no passado e atualmente com a implantação das Unidades de Polícia Pacificadora.

**PALAVRA-CHAVE:** TEORIA DAS JANELAS QUEBRADAS. UPPs.

---

<sup>1</sup> Graduada em Direito pelas Faculdades Integradas Vianna Júnior.

## INTRODUÇÃO

Com a chegada das Olimpíadas de 2016, o estado resolveu, depois de muitos anos, tomar uma atitude em relação a violência que se instalou no Brasil e principalmente no Rio de Janeiro. As Unidades de Polícia Pacificadoras instaladas nas favelas do Rio de Janeiro nos leva a aplicação da Teoria das Janelas Quebradas e a Tolerância Zero em Nova York com diversos pontos em comum. Mas as autoridades responsáveis querem assumir a paternidade do projeto e se negam a dizer que este foi inspirado na teoria das janelas quebradas e da tolerância zero, com algumas adaptações. Trataremos da criminologia com uma visão mais sociológica, pois atrás das medidas de pacificação das favelas temos uma história de crimes ligados a drogas, a insegurança dos moradores, a verdadeira “escola de tráfico”.

## 1 TEORIA DAS JANELAS QUEBRADAS

### 1.1 Conceito

A Teoria das Janelas Quebradas foi divulgada em 1982, na revista norte-americana *The Atlantic Monthly*, intitulado “Making neighborhoods Safe”, de autoria do cientista político James Q. Wilson em parceria com o psicólogo criminologista George Kelling. Mas, o primeiro estudioso a fazer experimentos, segundo James Wilson, foi Philip Zimbardo em 1969, experimento este, que consistia em deixar dois automóveis idênticos, sem placas, estacionados com o capô aberto, ficando, um numa rua do Bronx/New York, este foi imediatamente depenado e em 24 horas, a carcaça começou a ser utilizada para brincadeira de crianças. Já o outro automóvel foi deixado em um bairro sossegado de classe média alta em Palo Alto/Califórnia e permaneceu intacto por duas semanas, até que Zimbardo quebrou algumas janelas e outras partes do veículo. A partir daí, em poucas horas o veículo estava totalmente destruído.

O que se observou é que apesar da diferença social dos dois grupos, a ação destruidora aconteceu, provando que propriedades sem dono, bens móveis e imóveis com sinais de deterioração, são um convite para vândalos e até mesmo pessoas ordeiras, todos atraídos pelo abandono.

A principal conclusão, que serviu de base para a teoria das janelas quebradas, é que o delito e a desordem estão conectados, não existindo consideração pela propriedade, já que bens em desordem aparentam abandono, propiciando os primeiros passos para o vandalismo e a violência.

O artigo publicado descrevia como a desordem pode ser estabelecida como causa da criminalidade e a ligação entre a desordem e a ocorrência de crimes. Esse estudo ficou conhecido como Broken Windows, que serviu de base para a moderna política criminal americana implantada em New York com o nome de “tolerância zero”.

Kelling e Wilson utilizaram em seus estudos, o exemplo de uma janela quebrada de uma fábrica ou escritório. Se a pessoa que passa pela rua e se depara com a janela quebrada de uma fábrica ou escritório e, no dia seguinte a janela permanece quebrada, terá a impressão de que o imóvel está abandonado. Em seguida outra pessoa irá quebrar mais uma janela, até que todas as janelas estejam quebradas, demonstrando que ninguém se importa com aquele patrimônio. Esse descaso gera um efeito cascata. Haverá a destruição total do imóvel com as janelas quebradas, com o imóvel do lado, as ruas serão tomadas por desordeiros e marginais, o aspecto do bairro muda, de forma que as pessoas vão se mudando e a comunidade vira “terra de ninguém”.

As consequências são o descaso pelos moradores ordeiros que se mudam, a desvalorização dos imóveis, são os bons comerciantes que vão embora e são substituídos por pequenas biroskas, uma boca de fumo se instala e o estado deixa de prestar os serviços básicos, a polícia começa a ser barrada, água e luz são ligadas de forma clandestina. A degradação e degeneração do local tornam-se um ciclo vicioso. No início ocorre a substituição de moradores, as crianças começam a conviver com o crime desde que nascem e existindo a possibilidade de serem os criminosos do amanhã.

A relação entre desordem e criminalidade é mais forte que a relação entre criminalidade e pobreza. Sempre com a constante afirmação de que a principal causa da criminalidade são as injustiças sociais, o desemprego, a pobreza, a falta de oportunidades, o preconceito e outras mais.

Kelling & Coles realizaram uma pesquisa em 1991 e constataram que mais de um terço da população haviam evitados certos locais, como bares, restaurantes, logradouros públicos, lojas e viviam com medo, mas apesar do medo se organizaram e exigiram que a polícia, promotores e outras agências de controle social entrassem em ação para restaurar a ordem nas ruas da cidade.

Bezerra (2008, p. 119), cita a obra lançada em 1996, por Kelling, George e Catherine Coles, sobre a teoria das janelas quebradas “Fixing Broken Windows – Restoring Order and Reducing Crimes in Our Communities (consertando as janelas quebradas – Restaurando a Ordem e Reduzindo o Crime em Nossas Comunidades)”. Nesta obra os autores expõem a relação de causalidade entre a criminalidade violenta e a falta de punição dos pequenos delitos e contravenções. Assim como a desordem leva a criminalidade, como a tolerância com pequenos delitos e contravenções, leva, inevitavelmente a criminalidade violenta.

A base doutrinária da teoria das janelas quebradas são as correntes do positivismo criminológico e a criminologia sociológica, além da política criminal, fundadas no utilitarismo e prevencionismo. Partindo do pressuposto de que não é só a falta de meios de subsistência, de educação e de justiça que leva ao crime, a tolerância da sociedade e do estado com os pequenos delitos pode ser a maior causa.

Tanto Barbara Wootton, George Kelling e James Wilson defendem que a ociosidade injustificável é um elemento pernicioso numa comunidade, levando a desordem e ao medo. O Estado deve viabilizar o aproveitamento dessa mão de obra através da oferta de trabalho e escolas, demonstrando que a construção de uma política criminal, trabalhando em conjunto com os governos Estadual, Municipal e Federal podem lançar mão do policiamento das “janelas quebradas” que aos poucos vem se firmando como uma nova e eficaz opção entre os paradigmas prevencionista.

A teoria das janelas quebradas representou um avanço para a criminologia, mostrou a relação de causalidade entre a criminalidade e outros fatores sociais, são menos importantes do que a relação entre a desordem e a criminalidade.

## **2. TEORIA DAS JANELAS QUEBRADAS E SUA APLICAÇÃO EM NOVA YORK**

### **2.1 Tolerância zero**

A teoria das janelas quebradas saiu dos experimentos e foi desenvolvida na prática em Nova York, que vivia entre os anos 80 e início de 90 uma situação crítica. Nesta época os sem-teto ocupavam espaços públicos como praças, parques e metrô, faziam suas necessidades fisiológicas nas calçadas e mendigavam agressivamente, as pichações tomavam conta da paisagem urbana, gangues proliferavam livremente e tomavam conta dos territórios que estavam sendo abandonados, tanto pelos seus residentes, quanto pelos turistas.

Em Nova York, o caos começou com a crise das grandes indústrias. Devido ao aumento dos custos e as dificuldades para o transporte das mercadorias, resolveram fechar suas portas e mudar para áreas mais acessíveis. Com isto muitos imóveis foram abandonados (janelas quebradas), trazendo o desemprego, a mendicância, a prostituição e a criminalidade.

O ponto de estrangulamento em Nova York era o metro, necessário para o transporte de três milhões de pessoas por dia. Seus principais problemas era o não pagamento das passagens por aqueles que pulavam as catracas, tornando-se um ambiente imundo e perigoso, dominado por gangues, onde ocorriam assaltos e tráfico de drogas. A desordem era crescente, pichações, mendicância agressiva e vandalismo criavam um clima propício a criminalidade.

Em um de seus debates de políticas urbanas, Kelling conheceu Willian Bratton, que a época estava a frente do policiamento de Boston. Sabendo de sua atuação agressiva e criativa, descobriu a oportunidade para colocar em prática a teoria das janelas quebradas. Indicou Willian Bratton à prefeitura de New York, para que assumisse o comando da polícia de trânsito, dando a ele o respaldo intelectual

necessário para solucionar a criação do policiamento de qualidade de vida. A inspiração da mentalidade policial de Nova York era a teoria das janelas quebradas (Broken Windows Theory), sob a premissa de que, a polícia deveria encarar de forma direta as pequenas ofensas que levam a desordem e teremos uma redução dos crimes violentos. Para Wilson e Kelling, “desordem e crime estão geralmente conectados, numa espécie de desenvolvimento”.

A dificuldade do novo chefe de polícia foi colocar em prática a polícia criminal, já que os policiais estavam acostumados a combater os crimes violentos, passando despercebidos os crimes menores. Eles ficavam alheios a segurança, porque recebiam tarefas sem sentido e equipamentos inadequados, estando todos com a “moral baixa”. Branton então começou pela reestruturação da polícia do metrô, utilizando-se de técnicas de gerenciamento japonês, inspiradas nas administrações plenas e descentralizadas. Implantou o líder “proativo”, intrínseco nas funções de chefias de todo o departamento. Bezerra (2008, p. 155), a título de a título de esclarecimento cita Thomaz Wood Jr, Isabela Vasconcelos e Fernando Motta:

[...] gerente “proativo” é aquele que consegue antecipar e administrar o impacto das mudanças ambientais sobre as pessoas e sobre a estrutura organizacional, reinterpretando continuamente a realidade que o cerca e difundindo estes novos valores e significados, na organização.

Aqueles que não se adequaram a nova administração foram isolados, perderam o cargo ou foram demitidos. Para Bratton era fundamental recuperar a autoestima dos policiais, demonstrar a importância do papel que desempenhavam na sociedade. Então ele substituiu os policiais mais velhos por um efetivo novo, com premiações, deixando-os entusiasmados com o papel central a eles confiado. Criou também reuniões semanais para troca de informações entre a polícia e os chefes de delegacias, criando a chamada “Compstat” (análise de estatísticas computadas). A Compstat consistia em gráficos com estatísticas de criminalidade, com a evolução dos índices de criminalidade, dando oportunidades de se discutir táticas empregadas e planejamento para lidar com os problemas.

Resolvido parte do problema com seu efetivo, Bratton começou a aplicar uma estratégia de fazer pequenas prisões em massa, de estação em estação. Como não havia efetivo suficiente, as “blitz” no metrô foram feitas em dias alternados para cada estação, colocando policiais a paisana para cercar a cada grupo de dez e prendê-los, em algumas estações parecia não ter catraca para os desordeiros. A população elogiava e apoiava, o numero de pessoas que não pagavam passagem e a desordem dentro dos trens foram diminuindo gradativamente e o que se observava, era que a maioria dos detidos por não pagarem passagem, eram pessoas que carregavam armas ou eram pessoas procuradas com mandados de prisão expedidos.

A consequência do policiamento no metrô foi a redução dos roubos, assaltos, assassinatos, desordem e uma maior tranquilidade para os usuários do metrô. Bratton conseguiu demonstrar na pratica a relação entre a desordem e a criminalidade, através da repressão a desordem, e a prevenção aos crimes graves.

Quando Rudolph Giuliani venceu as eleições para a Prefeitura de Nova York, após constatar que os principais problemas da cidade era a violência instalada pela desordem e o medo, passou a buscar parcerias com empresários em troca de benefícios fiscais, adotando o plano de cidade limpa e segura. Nomeou Bratton como novo comissário (espécie de Secretario de Segurança Publica da cidade), que aproveitando-se do fato de ter em mãos mais poder, conseguiu terminar as mudanças necessárias no Departamento de Policia de Nova York, inclusive acabar com os escândalos de corrupção da policia.

Bratton começou a agir contra outros grupos que também atormentavam os nova-iorquinos por anos, os vândalos e lavadores de pára brisas que extorquiam dinheiro dos motoristas. Essa conduta era punida com serviços comunitários ou com a prisão para aqueles que não atendiam as intimações. Depois de eliminar o problema dos lavadores, Bratton partiu para resolver o problema dos sem-teto, que improvisavam moradias debaixo das pontes, dos mendigos, dos pichadores de muros, da prostituição, da pornografia e principalmente dos “gazeteiros” (alunos que matavam aula). Estes com maior atenção, inclusive com a ajuda dos diretores

escolares e da mídia, evitando problemas maiores no futuro, por isso, ao serem apanhados, eram levados para a delegacia e os pais e diretores eram comunicados.

### **3 O POLICIAMENTO COMUNITÁRIO E A TOLERANCIA ZERO**

Sendo o crime um evento social e comunitário, o ideal é que a prevenção seja feita com o envolvimento da comunidade e do Estado. Essa parceria é necessária para garantir uma melhor qualidade de vida.

O apoio dos órgãos públicos, privados, da mídia, dos líderes comunitários e o envolvimento de toda a sociedade é de grande importância para complementar o policiamento comunitário, como ficou demonstrado na Tolerância Zero.

O Policiamento comunitário foi utilizado em diversos países, como Canadá, Japão, Argentina, Colômbia, Equador e Paraguai, todos com as mesmas estruturas e pensamentos da teoria das janelas quebradas, mas adaptados aos costumes e realidade de cada um.

Os fundamentos do policiamento comunitário são os mesmos que estruturaram a teoria das janelas quebradas, ambos lutam pelos espaços públicos, previnem o medo, a desordem e a violência, mas o primeiro é lento, depende de um processo de parcerias, confiança mútua da comunidade e da polícia, e o segundo é mais rápido por ser radical na tolerância com os pequenos delitos, o que proporciona muitas vezes a solução de crimes de maior potencial ofensivo.

A filosofia da tolerância zero ou policiamento de qualidade de vida de Bratton e o policiamento comunitário aplicado em diversos países, exigem o comprometimento de forma efetiva do policial, descentralizando o poder de atuação da polícia, sem perder as características de polícia repressivas. Mas sempre procurando atender a satisfação do cidadão, com trocas de informações sobre os problemas, sintomas ou causas do crime e da desordem.



## **4 UNIDADES DE POLICIA PACIFICADORAS**

### **4.1 Como surgiram as favelas**

Um sujeito ergue um barraco perto da zona portuária para estar mais próximo do emprego, porque o transporte público é ruim e porque o aluguel em áreas centrais era muito caro. Alguns ex-moradores do “Cabeça de porto”, famoso cortiço destruído pelo prefeito Barata Ribeiro em 1893, começaram a habitar o morro mais próximo.

A primeira favela do Rio de Janeiro foi o Morro da Providência em 1897. Surgiu quando um grupo de soldados que lutaram na guerra de Canudos, veio para a capital Federal, na época Rio de Janeiro, em busca de uma recompensa oferecida pelo governo. Quando chegarão ao Rio de Janeiro não foram recebidos por nenhuma autoridade e ficaram a deriva, indo se abrigarem naquele morro que se localizava no centro do Rio de Janeiro.

Neste lugar havia uma vegetação rasteira chamada favela, também encontrada no sul da Bahia, local de onde se originaram esses soldados, razão do morro ter ficado conhecido como favela.

Durante décadas seguintes, a proliferação das favelas despontou como o avesso do urbanismo moderno, com suas grandes e monumentais avenidas, ou escadões que nos leva quase aos braços de cristo, como é o caso do Morro Santa marta, hoje Comunidade Dona Marta, (o motivo da mudança do nome é pela diversidade religiosa existente no morro).

Seja pela pobreza contrastante, pelos improvisos arquitetônicos ou pelo cotidiano incomum, a vida nos morros atraía turistas muito antes das “favelas Tours” se tornarem um programa habitual.

Naquela época, para muitos, as favelas representavam o que havia de mais primitivo, atrasado, sujo, perigoso e pobre na capital. O contrario de tudo que se almejava: civilização, modernidade, ordem, progresso. Os morros começavam a ser vistos como lugares de negros, ainda que suas populações fossem bastante misturadas.

Na imprensa, a favela já havia recebido o apelido de “aldeia do mal”. Subir suas ladeiras, segundo a revista Fon-Fon, era “como adquirir passaporte para o cemitério”. Isso ainda na década de 20, nem é bom imaginar o que dizem hoje, com o Comando Vermelho ou o “Caveirão” do Bope.

Não é de hoje, que o fascínio estrangeiro vira motivo de vergonha e desconforto para boa parte dos cidadãos do asfalto: Afinal, o que é que esses “gringos” veem de interessante em lugares tão feios e perigosos? Não sabemos, mas o Comitê organizador da candidatura do Rio à Olimpíada de 2016 achou de bom grado disfarçar com painéis a presença das favelas na paisagem carioca.

#### **4.2 Conceito das unidades de policia pacificadora**

A Unidade de Polícia Pacificadora é um novo modelo de Segurança Pública e de policiamento que promove a aproximação entre a população e a polícia, aliada ao fortalecimento de políticas sociais nas comunidades, levando a paz à comunidade ao recuperar territórios ocupados há décadas por traficantes e, recentemente, por milicianos.

O projeto UPP não tem plano estratégico, simplesmente surgiu e os planos surgem junto com o problema, ou seja, busca-se uma solução a medida que os problemas vão surgindo, e assim o projeto vai se desenvolvendo aguardando que os estudiosos, como os sociólogos, psicólogos e doutrinadores complemente o projeto, finalizando de forma vitoriosa a intervenção das UPPs.

A UPP social se organiza em três áreas: gestão territorial, gestão institucional e gestão de informações. As equipes Territoriais dedicam-se à interlocução cotidiana com organizações e lideranças de cada comunidade, identificando as demandas e criando novos caminhos de participação e diálogo com o poder público e acompanham a execução das ações municipais, facilitando a cooperação dos agentes públicos com os moradores e organizações da sociedade civil.

### 4.3 Objetivos das UPPs

O objetivo das UPPs é o controle estatal sobre as comunidades atualmente sobre forte influência da criminalidade ostensivamente armada, devolvendo à população local a paz e a tranquilidade necessárias ao exercício e desenvolvimento integral da cidadania. Seu objetivo não é acabar com o tráfico de drogas, nem com a criminalidade, muito menos se apresentar como solução para todos os problemas das comunidades, nem para os problemas sócio/econômicos, elas trabalham com os princípios da Polícia Comunitária.

### 4.4 Características das UPPs

Novos policiais estão sendo treinados especialmente para trabalhar nas UPPs, recebem treinamento específico para um bom relacionamento com a comunidade, o uniforme é diferenciado, usam o uniforme de gala da polícia para trabalhar nas comunidades. São implantados diversos postos auxiliares do posto central da UPP, o número de postos depende do tamanho da comunidade, além de várias câmaras de segurança distribuídas pela comunidade nos pontos estratégicos que antes os traficantes usavam para o tráfico de drogas.

O policial tem que ser cortês e não pode interferir na vida diária da comunidade, somente quando houver a necessidade de intervenção por conta de alguma infração ou desavença. Os policiais recém formados são homens mais novos, assim como o comandante. Os policiais e o comandante são promovidos se mantiverem a comunidade dentro das expectativas.

A mídia é uma das aliadas das UPPs . É através da mídia que divulgam a intervenção do BOPE na comunidade, divulgando o dia da intervenção, como forma de expulsar os traficantes, sem colocar em risco a vida de seus habitantes, nas trocas de tiros antes existentes. O BOPE, o exército e a polícia invadem a comunidade e se instalam mantendo um policiamento ostensivo por um certo período de tempo, reduzindo o número de profissionais a medida que a comunidade

se mostra tranquila, com planos de uma redução maior quando seus moradores se sentirem auto suficientes.

O Capitão tem as funções de obter ajuda externa de voluntários para implementar as atividades sociais, destinadas a todos, mas principalmente as crianças, levando desenvolvimento comercial, turístico, cursos profissionalizantes, facilitando a implantação dos serviços básicos de saúde, de água, esgoto, energia e limpeza urbana, como forma de transformar o ambiente antes degradado em um ambiente harmônico e socialmente atendido, além de suas funções de comando.

O programa da UPP não é um programa permanente. O plano inicial é deixar as comunidades ocupadas na proporção de sua independência, ou seja, quando o acesso aos serviços de qualidade for compatível com o restante da cidade ou quando existir estruturas institucionais para o acesso desses territórios pelas políticas públicas de forma rotineira e contínua, a UPP poderá deixar de existir nesses territórios.

## **5 COMUNIDADES PACIFICADAS E A ATUAL SITUAÇÃO**

O processo de pacificação das favelas começou em dezembro de 2008 e a primeira favela a ser pacificada foi o morro Dona Marta e assim como aconteceu posteriormente nas demais favelas do Rio de Janeiro, a mídia divulga a notícia da invasão, o exército e o BOPE sobem o morro, alguns traficantes já haviam fugido e aqueles que ficaram, resistiram trocando tiros com a polícia, até perceber que não tinham chance, que a invasão estava realmente acontecendo. A ideia é que seja o último confronto a colocar a vida de todos em risco. O projeto consta da instalação de vários postos distribuídos dentro das favelas, de acordo com o tamanho de cada uma, no Dona Marta são quatro: O GTPP (Grupo Tático de polícia pacificadora), funciona como o GATE, é a central de armas, alas ALPHA, BRAVA E CERQUINHA e ainda a PPC1, todas localizadas em ponto estratégico, as chamadas áreas deflagradas da favela. A sede da UPP funciona em um prédio no topo do morro onde antes deveria funcionar uma creche, mas nunca funcionou porque as mães tinham medo de deixar seus filhos, medo este justificado pelas marcas das trocas de

tiro visíveis na parede lateral do prédio. Em algumas favelas a pacificação é mais difícil, os traficantes se mostram mais resistentes e mais bem armados que a polícia, mas não é impossível, e aos poucos 30 (trinta) favelas já foram pacificadas. Umas totalmente e outras parcialmente. No morro Dona Marta é possível percorrer a favela sem os “guias”.

Juntamente com a UPP veio a UPP social, destinada a trazer novos atores para as comunidades, sua função é ver as prioridades e trazer até a favela, voluntários para ministrar atividades diversas, como capoeira, caratê, futebol, música, curso de inglês, cursos profissionalizantes para jovens e adultos, novos investimentos para o comércio e turismo. As crianças são a principal preocupação, onde os projetos sociais mais se desenvolvem, a teoria é cultivar o fascínio pelo esporte, pela arte e não pelo tráfico.

Alguns profissionais tentam disciplinar o comportamento dos moradores, em especial em relação a coleta de lixo que antes não existia, as empresas de energia elétrica e TV a cabo tentam dar incentivo para a regularização dos “gatos”.

O turismo na favela virou prática diária, com guias turísticos disponíveis na entrada da favela, ou se preferir pode ser feito um “tour” sem os guias. É comum encontrar artistas pintando nos pontos mais altos da favela, onde a vista é maravilhosa.

## **6 CRÍTICAS E OUTROS ASPECTOS DAS UPPs**

É fato que a mídia muitas vezes divulga os acontecimentos de acordo com sua conveniência e do poder político, e não é diferente no projeto das Unidades de Polícia Pacificadoras. As notícias favoráveis, são essenciais para as UPPs, seja para “espantar” os traficantes, seja para engrandecer o projeto ou para maquiagem algo que na realidade não acontece.

É certo também que podemos encontrar notícias como a corrupção de policiais, a morte de um ou alguns policiais, a prisão de alguns traficantes, a insatisfação dos policiais e as dificuldades enfrentadas em algumas favelas para

enfrentar a resistência do narcotráfico. Afinal temos que admitir que as notícias trágicas são as que mais vendem jornais.

Ocorre que, nos bastidores destas notícias, encontramos situações de abandono, desrespeito e muito preconceito. A comunidade Dona Marta, vive hoje um clima de insatisfação, assim como os policiais que lá trabalham. Os projetos sociais acontecem de forma deficiente por falta de voluntários, a coleta de lixo não acontece, sendo constatado pela quantidade de lixo espalhado na favela e suas encostas. A Light instalou um posto dentro da favela como forma de coerção para a legalização. Os turistas lá encontrados são estudantes estrangeiros que se quer tem dinheiro para pagar um guia turístico.

O preconceito entre a comunidade e o policial da UPP é um ponto desfavorável difícil de resolver, levando-se em conta que a favela viveu anos de abandono. O limite entre resistência e desacato ao policial tem gerado vários episódios de tensão. A liberdade de expressão fica ameaçada por esta postura e pela ausência, até recentemente, de uma ouvidoria, que permitiria à população reclamar do abuso policial.

Ao que parece, os moradores da favela não estão muito a vontade com as UPPs, a liberdade que deveria existir com a saída do narcotráfico, não aconteceu. O que aconteceu foi uma troca de comando, mas apesar disso, ganharam destaque na mídia e se sentem mais seguros, longe dos conflitos entre traficantes e policiais.

Hoje ainda é possível encontrar traficantes no morro, principalmente os chamados “formiguinhas” aqueles que quando avista um policial sai correndo e para. Ao avistar o policial novamente, volta a correr e se for apreendido, (na grande maioria são menores) é enquadrado como usuário, pois está sempre com pouca quantidade, muitas vezes nem são levados ao judiciário, sob a justificativa de que serão ignorados porque não causaram grande lesão ao bem jurídico, como é visto em muitas decisões dos tribunais,

Os cursos profissionalizantes acontecem através do SENAI ou SENAC e apenas um morador é guia turístico no morro, os outros guias são de diversas partes da cidade ou de fora dela. O certo é que estes cursos atendem mais aos adolescentes e somente aqueles que têm o ensino médio. Como a maior parte da

população adulta do morro são analfabetos ou semi analfabetos, não podem participar dos cursos, além de não haver propostas em relação ao grupo que estava vinculado ao tráfico.

O incentivo ao empreendedorismo, têm sido objeto de cursos e treinamentos. Estes oferecidos em parceria da prefeitura com o SENAC/FIRJAN. Mas para ser empreendedor, tem que ter um mínimo de capital, e não parece ser um quesito que esteja disponível. O comércio que existe na comunidade é composto por camelôs na entrada da favela e muitas “biroskas” espalhadas pelos becos e vielas que somente atende as necessidades dos moradores.

O sentimento de abandono se acentua com a falta de participação da comunidade no processo decisório sobre o atual plano urbanístico, as remoções e as novas construções, geram preocupações sobre os interesses comerciais envolvidos. Há sensação é de que estão sendo engolidos pelo processo, ao invés de serem seus figurantes.

Existe o temor de que esta nova estratégia política de pacificação seja acompanhada pela perda da identidade e do reconhecimento da comunidade, como se ela estivesse sendo inaugurada pela UPP, desconsiderando a teia de relações sociais, as instituições e normas que ordenaram a sociabilidade durante toda sua existência anterior.

Mas apesar disto o propósito da UPP esta sendo cumprido, que é desarmar e afastar os traficantes, evitar que a guerra dos traficantes, que a décadas comandava os morros, continue a fazer vitimas de balas perdidas, trazendo medo e insegurança aos moradores, devolver aos moradores o direito de ir e vir, criando a possibilidade de um cotidiano livre das pressões do tráfico e de uma policia arbitraria. Apesar de algumas situações persistirem.

## CONCLUSÃO

Eles não admitem, mas a polícia comunitária utilizada pelas UPPs tem as características da teoria das janelas quebradas. A formação de novos policiais, com

salários melhores, reuniões periódicas, planos de carreira pelo sucesso do empreendimento, políticas sociais, destinadas principalmente as crianças, limpeza das áreas antes tomadas pelo lixo, legalização no fornecimento de energia e TV a cabo, ajuda para transformar as casas, de alvenaria improvisadas, projetos em parceria com empresas de tinta para melhorar as fachadas das casas antes com tijolos aparentes, retomada dos locais abandonados, revitalização de praças e calçadas e principalmente a divulgação pela mídia dos trabalhos desenvolvidos pela UPP, seus avanços e as ações governamentais de melhoria das condições de vida dos moradores das comunidades, são pontos fortes para dizer que temos uma policia comunitária da teoria das janelas quebradas.

A UPP tem atraído novos investimentos para as comunidades e vem conseguindo melhorar o comércio que ali já se encontrava, dando incentivo para prosperar através do SEBRAE, com cursos e palestras. Uma das novidades é a intenção de um empresário do Rio de Janeiro, ex morador de rua e de favela que pretende construir um shopping Center no morro do alemão. Apesar das criticas e preconceito da população em geral, contra os shoppings, esses são empreendimentos que espelham a ordem e segurança e complementa o projeto UPP, que tem como objetivo atrair novos investimentos, trazendo oportunidades de trabalho dentro da própria favela.

A Teoria das Janelas Quebradas esta sendo usada nas UPPs sim. De forma deficiente, mas com todos os meios possíveis de se formar uma comunidade pacificada no futuro. Pois não é só punindo os crimes maiores ou menores que transformaremos a favela em um ambiente seguro para se viver, é trabalhando com as crianças, é trazendo condições para que tenham perspectiva de uma vida longe do crime, dando oportunidades de escolha de um futuro melhor.

A falha é que para se ter um estado democrático de direito, temos que ter os três poderes trabalhando em conjunto, o judiciário aplicando as medidas sócio educativas e as punitivas, o legislativo criando leis mais punitivas e educativas, principalmente em relação ao ECA e o executivo estruturando para dar condições das normas serem aplicadas.



## REFERÊNCIAS

BATISTA, Vera Malaguti. **Difíceis ganhos fáceis: drogas e juventude pobre no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Revan, 2003.

BEZERRA, Jorge Luiz. **Segurança pública, uma perspectiva político criminal à luz da teoria das janelas quebradas**. São Paulo: Blucher. Acadêmico. 2008.

DORNELLES, João Ricardo W. **Conflito e segurança**. Rio de Janeiro: Lúmen Júris. 2008.

ELBERT, Carlos Alberto. **Novo manual básico de criminologia**. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2009.

OLIVEIRA, Aparecida do Carmo Prezotti. Teoria Das Janelas Quebradas: Sua Aplicação Nas Unidades De Polícia Pacificadoras. 12/2012. Trabalho de conclusão de curso (graduação em direito). Faculdade Vianna Junior – Juiz de Fora, MG.

REVISTA PIAUÍ. São Paulo. Editora Abril. Ano 6, n 67, abr. 2012.